



---

**EDITORIAL**

---

## *O Jornal de Pediatria e a consolidação de seu perfil*

*Jornal de Pediatria - consolidation of a new profile*

**Jefferson Pedro Piva \***

Em janeiro de 1996 o Jornal de Pediatria estará completando 62 anos de existência como órgão oficial de divulgação científica da SBP. Durante este período de circulação, participou de uma série de mudanças que atingiram tanto a pediatria nacional como a própria revista e, conseqüentemente, as matérias ali veiculadas. A última delas ocorreu há dois atrás, quando nos propusemos a redefinir o perfil do Jornal de Pediatria e, a partir daí, implementar uma série de modificações que visavam, entre outras coisas, a torná-la a revista preferencial para veiculação das mais importantes pesquisas na área pediátrica realizadas em nosso país.

Observava-se nesta época que proliferavam e ganhavam consistência um grande número de cursos de pós-graduação em pediatria (mestrado e doutorado) nos diversos centros de pesquisa do país. Entretanto, raramente esses trabalhos e seus resultados eram veiculados na revista pediátrica de maior circulação da América Latina, que atinge mais de 14.000 pediatras, a quase totalidade das bibliotecas nacionais, assim como algumas destacadas bibliotecas internacionais. Assim, constatávamos com tristeza que grande parte dessas pesquisas de interesse da pediatria nacional eram veiculadas em revistas estrangeiras ou permaneciam dentro do restrito domínio do círculo dos centros de pesquisa e pós-graduação. Conseqüentemente, a pediatria brasileira acabava desconhecendo ou não tendo acesso a grande parte das importantes descobertas e avanços que aqui estavam sendo realizados. Muitos deles, por terem por base a nossa realidade, poderiam ter uma aplicabilidade prática imediata, influenciando diretamente no atendimento médico prestado pelo pediatra no seu dia a dia.

Na tentativa de reverter essa constrangedora e incômoda situação, decidimos utilizar os mesmos padrões e critérios adotados nas mais importantes revistas internacio-

nais, aumentando o nível de exigência e rigor no julgamento dos artigos. De imediato observou-se um represamento e um retardo no fluxo dos trabalhos com sucessivos retornos aos autores, causando aumento no tempo dispendido entre o envio do artigo e a sua publicação. Outra consequência observada foi que aproximadamente 22% dos artigos avaliados no ano de 1994 acabaram sendo recusados e devolvidos aos autores. Esse procedimento, que inicialmente causou algum constrangimento e um inevitável desgaste, hoje justifica-se plenamente, podendo, inclusive, ser melhor compreendido e aceito. No ano de 1995, o índice de recusa de artigos, com os mesmos padrões de exigência, caiu de 21,5% para aproximadamente 5%, ao mesmo tempo que o número de trabalhos enviados mensalmente à secretaria do Jornal de Pediatria no ano de 1995 aumentou em 27% quando comparado com o ano de 1994.

Um outro dado que tem chamado a atenção da comissão editorial refere-se à origem dos artigos veiculados em cada número. Um bom exemplo da nova tendência pode ser verificado no número de setembro/outubro deste ano - J.pediatr. (Rio J.).1995; 71-, onde, dos sete artigos principais publicados (um de revisão, um especial e cinco originais), cinco (70%) eram produtos de teses de mestrado ou doutorado. Esse achado não representa um dado isolado, mas sim uma tendência crescente observada nos últimos números de nossa revista. Assim, vemos hoje com satisfação que o Jornal de Pediatria tornou-se um dos principais órgãos de divulgação dos trabalhos de pesquisa na área pediátrica de nosso país. Receber o prestígio e a confiança de nossos pesquisadores, mais do que um privilégio, representa a definição exata do papel que o Jornal de Pediatria deve desempenhar dentro da pediatria nacional.

Para atingirmos esse importante objetivo, não poderíamos cair no outro extremo da sofisticação dissociada de nossa realidade. Seria descuidar dos interesses da grande maioria dos leitores do Jornal de Pediatria e transformar a revista apenas para atender aos interesses dos pesquisado-

---

\* Editor - Jornal de Pediatria.

res de nosso país. Assim, ao mesmo tempo que consolidávamos essa importante etapa, continuamos a manter e diversificar as seções do *Jornal de Pediatria*, no sentido de satisfazer cada vez mais as expectativas dos pediatras brasileiros. Em todos os números foram publicados um ou dois artigos de revisão, pelo menos dois editoriais de especialistas sobre assuntos publicados naquele exemplar, além de ampliarmos a seção de resumos de artigos, entre outras novidades. Entretanto, o local de maior interação entre o pediatra e o *Jornal de Pediatria* é representado pela seção resposta ao leitor. Somente nestes últimos 10 números da revista, foram veiculadas mais de 60 respostas a indagações de pediatras dos mais diversos locais do país, sobre os mais variados assuntos, havendo, ainda, no banco

de perguntas, uma dezena de questões em fase de publicação. O fluxo e a quantidade dessas questões são considerados pelo conselho editorial como uma forma de avaliar a satisfação e a confiança do leitor da revista em relação aos rumos que o *Jornal de Pediatria* está tomando.

Para o ano de 1996, entre outras novidades, deveremos estar distribuindo, em disquete CD ROOM, a publicação completa destes 62 anos do *Jornal de Pediatria*. Assim, de uma forma acessível, rápida e eficaz, todo pediatra poderá ter a sua disposição a trajetória e a evolução da pediatria nacional nestes últimos 60 anos. Esperamos que, a exemplo das demais inovações, esta publicação em CD ROOM venha ao encontro dos anseios e da expectativa dos pediatras sócios da SBP.

## ***Violência na infância e na adolescência***

### *Violence in childhood and adolescence*

**Stela N. Meneghel\***

Nos últimos anos, está-se assistindo a um aumento inquietante dos fenômenos violentos na sociedade. A violência tem sido considerada, inclusive, a “doença epidêmica” deste final de século. Desde o momento em que a Associação Americana de Pediatria definiu, em 1960, a “síndrome da criança espancada”, aumentou de maneira assustadora a notificação de casos e a publicação científica e leiga sobre o tema. Foi denominada “nova morbidez pediátrica” o conjunto de situações relacionadas à quebra de vínculos sociais, abuso físico e sexual, adição a drogas, abandono que leva crianças a viverem na rua (Santorio Jr., 1994). Porém, em termos de ações concretas, tanto em nível de prevenção como de tratamento, ainda há muito para ser feito.

Práticas danosas às crianças têm estado presentes na sociedade desde épocas remotas. Relatos de fraturas múltiplas em crianças no século XIX foram atribuídas às condições climáticas, embora se saiba atualmente que se tratavam de crianças espancadas. Na sociedade patriarcal, crianças e mulheres têm sido considerados cidadãos de segunda categoria. O infanticídio foi uma prática social presente no alvorecer de quase todas as culturas e fez mais vítimas que a própria peste bubônica. A ressonância que o

infanticídio e os maus-tratos às crianças presentes nos mitos e nas fábulas ainda produzem na atualidade evidencia que estas situações não estão superadas. Numa abordagem recente sobre a tragédia de Édipo, seus autores comentam, revisitando o mito:

*“A carreira trágica que leva Édipo e Laio à encruzilhada e às subseqüentes tragédias para todos - começa com o medo do pai de ser morto pelo filho. Para salvar sua própria vida, Laio ordena a morte de seu filho. O enredo começa com o infanticídio. O parricídio é uma consequência. De fato, Édipo deixa Corinto para não matar seu pai. Mas Laio queria matar, tentou matar seu filho. Esse desejo do pai de matar a criança, nós perigosamente ignoramos. Se este mito é fundamental, então o infanticídio é básico em nossa prática e em nossas idéias”.* (Kerényi & Hillman, 1995)<sup>5</sup>

A constatação de que vivemos numa sociedade filicida (Raskowski, 1970) talvez deva ser a primeira tarefa dos que desejam trabalhar e refletir sobre o tema da violência.

Entende-se por violência “a realização de relações de força tanto em termos de classes sociais como em termos inter-pessoais. Trata-se da conversão de uma relação hierárquica de desigualdade com fins de dominação, exploração e opressão. É uma ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa” (Chauí, 1985)<sup>2</sup>.

---

***Veja artigo relacionado  
na página 303***

---

\* Médica sanitária e epidemiologista. Professora e pesquisadora da Escola de Saúde Pública/SSMA - Porto Alegre/RS.